

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

**ADILOR EDUARDO LONGO**

**MOTIVAÇÕES PARA A EVASÃO DE JOVENS RURAIS: UM ESTUDO DE CASO A  
PARTIR DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA, MARAU/RS**

**CAMARGO**

**2011**

**ADILOR EDUARDO LONGO**

**MOTIVAÇÕES PARA A EVASÃO DE JOVENS RURAIS: UM ESTUDO DE CASO A  
PARTIR DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA, MARAU/RS**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Jalcione Almeida

Coorientadora: Tutora Msc. Patrícia Binkowski

**CAMARGO**

**2011**

**ADILOR EDUARDO LONGO**

**MOTIVAÇÕES PARA A EVASÃO DE JOVENS RURAIS: UM ESTUDO DE CASO A  
PARTIR DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA, MARAU/RS**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado com conceito \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Jalcione Pereira de Almeida - Orientador  
UFRGS

---

Prof.(a). Marlise Dal Forno  
UFRGS

---

Prof. Rumi Kubo  
UFRGS

Camargo, outubro de 2011.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me auxiliaram e me deram forças para que o objetivo fosse alcançado, em especial, à minha esposa Rosane e à minha filha Cristina. Ao meu pai que, certamente, me orientou lá do céu e com certeza está muito orgulhoso em ver seu filho chegando ao final deste curso. Esta conquista também é sua Pai.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que com sua imensa força e luz esteve sempre presente, indicando o melhor caminho a seguir na busca da realização desse sonho de concluir com êxito o curso universitário tão almejado.

À minha família, pela compreensão e colaboração quando da minha ausência e por entender que para a concretização de um sonho é preciso constante dedicação. Agradeço a todos aqueles que me auxiliaram na conclusão deste TCC, em especial, à tutora Patrícia Binkowski e ao orientador Professor Dr. Jalcione Almeida. Ainda, sincero agradecimento aos meus orientadores de estágio I e II, José Álvaro Chiot e Jair Franzzosi.

Agradeço imensamente aos meus colegas de grupo de estudo, que sempre trabalharam em completa harmonia e com um coleguismo muito especial, o qual muito me motivou a continuar nesta caminhada.

À Prefeitura Municipal de Marau, em especial à Secretaria Municipal de Saúde, pela ajuda na obtenção de dados sobre o município.

Agradeço ao Dr. Jair Poletto Lopes e ao Professor Alair Poletto Lopes pelo apoio e ajuda prestada quando da realização do trabalho na comunidade de Nossa Senhora Aparecida, bem como a todos os nativos da referida comunidade, que com suas declarações engrandeceram meu estudo.

## RESUMO

A evasão dos jovens do meio rural para o meio urbano é fenômeno que tem mudado a dinâmica do campo e da cidade. Motivada por causas diversas e implicando em muitas consequências, contribui para o estabelecimento de diferenças e semelhanças entre os jovens do meio rural e urbano, que se tornam objeto de estudo e intervenção para bons programas de gestão do meio rural. Neste contexto, o presente estudo foi realizado com o objetivo de identificar e analisar quais as principais causas que levaram os jovens da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, no meio rural do município de Marau/RS, a deixarem o campo e migrarem para a cidade. Para tanto, estabeleceu-se como problema de pesquisa: quais as motivações para a evasão dos jovens do meio rural para a cidade de Marau/RS? Para responder a esta questão e atingir-se o objetivo proposto utilizou-se como método de pesquisa o estudo de caso. Por meio deste, os dados primários foram coletados por meio de entrevistas aplicadas a 17 famílias que migraram da referida comunidade para a cidade de Marau há, no mínimo, dez anos. Como principais resultados advindos deste estudo têm-se: a falta de condições de infraestrutura no campo (como escolas, atendimento médico, trabalho); o tamanho da propriedade que não supria a demanda de todos os moradores da família; a busca por melhores oportunidades de trabalho/emprego, renda e qualificação profissional; e, ainda, a continuidade e qualificação dos estudos. Conclui-se, assim, que por meio de métodos de gestão das propriedades rurais, eficientes e modernos, tais motivos devem ser considerados, de modo a minimizar as taxas de êxodo rural ao mesmo tempo em que se qualifique a estada do jovem no campo, por meio de políticas e incentivos à diversificação de cultivos e práticas agrícolas, ao fomento da agricultura familiar e do agronegócio, mantendo o jovem em um lugar que possibilite buscar sua fonte de renda, sustento e manutenção de sua cultura.

**Palavras-chave:** Êxodo rural; Jovem rural; Meio rural; Meio urbano; Migração.

## ABSTRACT

The avoidance of young people from rural to the urban environment is a phenomenon that has changed the dynamics of rural and urban. Motivated by various causes and resulting in many consequences, contributing to the establishment of similarities and differences among young rural and urban areas, which become objects of study and intervention programs for good management of the countryside. In this context, this study was to identify and analyze what the main causes that led the youth of the community of Nossa Senhora Aparecida, in the rural municipality of Marau / RS, to leave the countryside and migrate to the city. To this end, has established itself as a research problem: what are the motivations for evasion of rural youth to the city of Marau / RS? To answer this question and to achieve the proposed objective was used as a method of case study research. Through this, the primary data were collected through interviews applied to 17 families who migrated from that community to the city of Marau for at least ten years. The main results arising from this study have been: the lack of infrastructure conditions in the field (such as schools, medical care, work), the size of property that does not meet the demand of all residents of the family, the search for better opportunities work / employment, income and professional qualification, and also the continuity of studies and qualifications. We conclude, therefore, that through methods of managing rural properties, efficient and modern, these objectives must be considered in order to minimize the rate of rural exodus at the same time be eligible to stay in the youth field, through policies and incentives for crop diversification and agricultural practices, the promotion of family farming and agribusiness, keeping the young in a place that enables search for their source of income, support and maintenance of their culture.

Keywords: rural exodus; rural youth; rural urban; youth to the city.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Localização do município de Marau/RS.....	32
<b>FIGURA 2:</b> Vista aérea do município de Marau/RS no ano de 2010.....	32
<b>FIGURA 3:</b> Vista da avenida principal de Marau/RS no ano de 2010.....	33
<b>FIGURA 4:</b> Produto Interno Bruto do município de Marau/RS .....	35



## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> Cenário da população rural no Brasil .....	18
<b>TABELA 2 :</b> Cenário da população urbana no Brasil.....	19
<b>TABELA 3:</b> População total do município de Marau-RS.....	33
<b>TABELA 4:</b> População rural de Marau/RS - período 1970 a 2010 .....	36
<b>TABELA 5:</b> População urbana do município de Marau/RS - período 1970 a 2010.....	36
<b>TABELA 6:</b> População rural das comunidades pertencentes a Marau/RS - 2010.....	37
<b>TABELA 7:</b> Total de homens e mulheres na Comunidade de Nossa Senhora Aparecida hoje.....	39
<b>TABELA 8:</b> Área de trabalho atual de homens e mulheres oriundos da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida .....	41
<b>TABELA 9:</b> Questão de moradia das famílias oriundas da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida hoje .....	42

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANDI: Agência Nacional dos Direitos da Infância

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

MEC: Ministério da Educação

ONU: Organização das Nações Unidas

PIB: Produto Interno Bruto

PRONAF: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 MIGRAÇÃO DO JOVEM RURAL: ASPECTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>14</b>
2.1 O MEIO URBANO .....	14
2.2 RURALIDADE .....	15
2.3 ÊXODO RURAL.....	17
2.4 O JOVEM RURAL .....	22
2.5 AS CONSEQUÊNCIAS DA SAÍDA DO JOVEM DO CAMPO .....	27
<b>2.5.1 Masculinização do campo .....</b>	<b>27</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>4 MOTIVAÇÕES PARA O ÊXODO DO JOVEM RURAL DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA .....</b>	<b>31</b>
4.1 O MUNICÍPIO DE MARAU: O CONTEXTO DA PESQUISA.....	31
4.2 A COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA: O FOCO DA PESQUISA .....	38
4.3 A COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA: CONTEXTOS E MOTIVOS DA EVASÃO.....	39
<b>5 CONCLUSÕES.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>
<b>Apêndice A - Roteiro de Entrevista.....</b>	<b>52</b>
<b>Apêndice B - Termo de consentimento .....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país majoritariamente urbano. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam para o fato de que em 1940 os moradores no meio urbano somavam 12,9 milhões de habitantes, ou seja, 30% da população total do país na época. Na década de 1970, mais da metade dos brasileiros já viviam nas cidades (55,9%). Esse percentual, de acordo com o censo de 2000, é de 81,2%, indicando que, na prática, de cada dez brasileiros oito moram em cidades (IBGE, 2000).

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 2005 o Brasil tinha uma taxa de urbanização de 84,2% e, de acordo com algumas projeções, até 2050, a porcentagem da população brasileira que vive em centros urbanos deverá pular para 93,6%. Segundo esta projeção, será 237,7 milhões de pessoas morando em cidades no país (MIRANDA, 2010).

O fenômeno da urbanização brasileira, neste contexto, foi fortemente influenciado pelo êxodo rural. O campo sofreu profundas transformações devido ao grande número de agricultores que deixaram a sua terra para ir em busca de novas oportunidades nos centros urbanos. Conforme Brumer (2007), assim como existem fatores que atraem as pessoas para o meio rural, existem as dificuldades, os fatores de expulsão. A autora relata que

[...] as decisões sobre a migração são tomadas por indivíduos que variam na avaliação de fatores de atração ou de expulsão. Ademais, na decisão de migrar, provavelmente os fatores de expulsão são anteriores aos de atração, na medida em que os indivíduos fazem um balanço entre a situação vivida e a expectativa sobre a nova situação. Dependendo de como se examina a questão, os estudos sobre a migração dos jovens focalizam ora atrativos no novo ambiente ora os aspectos vistos como negativos no local de origem. Entre os “ruralistas” predominam as análises que apontam antes os fatores de expulsão do que os de atração, como causa da migração (BRUMER, 2007, p.3).

Conforme Abramovay *et al.* (1998), em decorrência do processo de êxodo rural está o processo de envelhecimento da população que vive no campo, pois o jovem parece ser o primeiro a deixar este ambiente sendo, após, seguido pela família ou não. De acordo com Moraes, Rodrigues, e Gerhardt (2008), o envelhecimento da população, atualmente, é uma realidade na maioria dos países, sejam eles desenvolvidos ou não. No Brasil, os dados do IBGE (2000), alertam para o fato de que os jovens que saem do meio rural para o urbano têm idade entre 15 e 19 anos para as mulheres e 20 a 24 anos para os homens. Para IBGE (2000), um dos problemas decorrentes deste movimento campo-cidade, iniciado na década de 1950, é

o envelhecimento do meio rural, pois 24% dos agricultores brasileiros têm mais de 60 anos.

Esta dinâmica é sentida também no município de Marau, Rio Grande do Sul (RS). As comunidades rurais estão cada vez menos povoadas, conforme dados do IBGE (2000), em 1970 a população rural do município era de 21.574 habitantes. Já, no ano de 2000, a população rural de Marau passou a ser de 5.508 habitantes. Os números demonstram claramente que no município de Marau houve uma grande evasão de agricultores do campo para a cidade.

Dentre as inúmeras comunidades rurais de Marau que passam por este fenômeno está a de Nossa Senhora Aparecida. Anterior ao ano de 2000 havia 33 famílias que moravam e trabalhavam no meio rural, obtinham seu sustento basicamente da agricultura e pecuária. Nos últimos 10 anos houve uma redução de 48% (LOPES, 2011) na quantidade de famílias, hoje apenas 16 famílias formam aquela comunidade<sup>1</sup>. No entanto, não existem dados no município que comprovem este fato, nem que o caracterizem, indicando quem está deixando o campo, se jovens, se famílias; nem mesmo o motivo, as causas e as consequências destes movimentos migratórios.

Considerando esta lacuna, bem como a importância do entendimento do fenômeno do êxodo rural para a gestão do campo, surgiu a motivação em realizar este estudo, que parte do seguinte problema de pesquisa: quais são as principais causas que levaram os jovens a deixar o meio rural do município de Marau/RS, especificamente aqueles da comunidade de Nossa Senhora Aparecida?

Para o atendimento desta questão, definiu-se como objetivo geral identificar as principais causas que levaram os jovens da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, no município de Marau/RS a deixarem o meio rural. Os objetivos específicos traçados foram: (a) verificar o perfil demográfico da população rural do município de Marau; (b) apontar o número de moradores por comunidade rural do município; (c) investigar processo de masculinização e envelhecimento da população rural.

Para responder a questão problema e atingir os objetivos a que este estudo se propõe, bem como para dar sustentação teórica à pesquisa de campo, primeiramente construiu-se um quadro conceitual, que por meio das ideias de autores diversos e da leitura de variadas

---

<sup>1</sup> Os dados que ainda existem, referentes a esta comunidade, são de posse de anotações e escritos de uma das mais antigas famílias moradoras do local, a família Poletto Lopes. Pois conta o patriarca (Crespin Lopes) da mesma que os documentos e as escritas da comunidade eram sempre levadas à Secretaria Paroquial do município de Marau, e lá perderam-se em virtude de um incêndio. Assim, os dados referentes à comunidade, que foram a base para este estudo, foram conseguidos por meio de entrevista pessoal com o Professor Alair Poletto Lopes, filho do Sr. Crespin Lopes, que quando criança também morou na comunidade, lecionou na escola da mesma, e hoje busca fazer um resgate histórico do meio.

bibliografias, aborda temas referentes ao meio urbano, à ruralidade, aos jovens do meio rural e urbano, ao êxodo rural e ao processo de masculinização e envelhecimento da população rural.

Após a construção do aporte teórico da pesquisa, definiram-se os métodos para a execução do estudo de caso, abordando-se o problema de forma qualitativa e quantitativa, por meio de uma pesquisa exploratória, utilizando-se com instrumento para coleta de dados primários, a entrevista com roteiro semiestruturado, com questões pertinentes ao tema desta pesquisa, aplicada a representantes de 17 famílias que saíram da comunidade de Nossa Senhora Aparecida e que agora residem na zona urbana.

Este trabalho apresenta um capítulo introdutório seguido do capítulo 2 que traz o quadro conceitual. Após, apresenta-se o terceiro capítulo que explicita a metodologia de trabalho utilizada; no capítulo 4 apresentam-se e discutem-se os resultados desta pesquisa, baseados nas respostas obtidas dos entrevistados e no referencial. E, por fim, no quinto capítulo, apresentam-se os resultados gerais do trabalho e as conclusões advindas do encerramento deste, respondendo-se à questão norteadora deste estudo.

## 2 MIGRAÇÃO DO JOVEM RURAL: ASPECTOS TEÓRICOS

O objetivo deste capítulo é introduzir uma base conceitual que discuta temas relevantes à problemática deste estudo, dentre estes, conceitos, definições e noções que contextualizem e caracterizem o meio urbano, a ruralidade, os jovens do meio rural e urbano, o êxodo rural e o processo de masculinização e envelhecimento da população rural.

### 2.1 O MEIO URBANO

Para Santos (1994, p.69) há uma distinção clara entre urbano e cidade. Ele esclarece esta distinção afirmando que “o urbano é frequentemente o abstrato, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno”.

Ainda, de acordo com Marques (2002, p. 107), “o conceito de ‘urbano’ aparece com a transformação daquilo que ele permite conhecer. O urbano nasce com a expansão da cidade e os problemas de deterioração da vida urbana”.

A par desta distinção conceitual pode-se pensar o movimento urbano ou a urbanização de um país que está estreitamente relacionado ao processo de industrialização, e é responsável pelo surgimento de novas atividades econômicas para estruturar a circulação das mercadorias e para organizar e administrar todos os sistemas relacionados à atividade econômica. Segundo Marques (2002, p. 106),

A cidade torna-se a sede destas novas funções técnicas e administrativas e da atividade de preparação de quadros para desempenhá-las por meio da difusão de cultura e de ensino. A cidade torna-se o lugar onde se concebe a gestão do espaço ao mesmo tempo em que perde o significado de centro político. A centralidade se espalha no espaço que ela cria, nas relações de produção e em sua reprodução. A sociedade em seu conjunto tende a constituir rede de cidades, interligando os espaços fragmentos, inclusive o campo, de acordo com as atividades/funções desenvolvidas em cada lugar.

Percebe-se, assim, que a cidade constrói-se em função do desenvolvimento econômico de uma nação ou comunidade, formando um espaço onde pessoas vivem e convivem, e, mesmo sem perceber estão em função de uma determinada ordem, de uma forma de organização da produção e do consumo. A cidade é, muitas vezes, vista como um sonho pelo

egresso do meio rural, um local onde existem possibilidades de crescimento e realização pessoal. No entanto, isso nem sempre ocorre. Sendo o imigrante rural fator de modificação da cidade e, vítima desta. Pois sem condições ou por uma série de motivos, todas as pessoas que deixaram o meio rural para ir em busca de alternativas de vida nas grandes cidades, acabaram encontrando no meio urbano, os mesmos problemas encontrados no campo, se não ainda maiores, pois sem emprego e sem ter onde morar acabou sendo submetidos a condições muito precárias de vida, sendo que o grande contingente de famílias do meio rural que se deslocaram para os centros urbanos deixaram de produzir, aumentando o crescimento demográfico das cidades e consumo de alimentos.

Sem as oportunidades de trabalho que buscavam na cidade e sem capacidade para exercerem tarefas de maior demanda, devido geralmente ao pouco grau de instrução, muitos agricultores tiveram que exercer algumas atividades como a de pedreiros, pintores, mecânicos, eletricitas, encanadores e outros serviços mais ou menos especializados. Recebendo por estes, muitas vezes, pequenas somas em virtude de sua pouca qualificação ou excesso de mão de obra. Por esse motivo, sem outro meio de viver com dignidade, milhões de trabalhadores rurais, que por um momento viram a cidade como a terra prometida, se tornaram em parasitas da sociedade humana: “contribuindo para o aumento dos índices de marginalidade, da criminalidade, da insegurança, da fome, da pobreza e da miséria dos bairros mais pobres (OLINGER, 1991, p.74).

É neste sentido que se tem que conceber a cidade e o campo como sinônimo no que tange à possibilidade para a busca do desenvolvimento econômico, apesar de suas peculiaridades; isso, no entanto, passa obrigatoriamente por desenvolver uma nova e moderna visão do que seja a ruralidade.

## 2.2 RURALIDADE

Na busca por uma definição do que seja o meio rural, foco principal deste estudo, utiliza-se como base os estudos de Abramovay (1998; 2000). Abramovay (2000) diz que uma das definições do que seja o meio rural é aquele que se refere a tudo o que ultrapassa o perímetro urbano de um município. Neste sentido, conforme o autor, havendo um mínimo de adensamento populacional e de oferta de serviços basta para que certa localidade seja considerada “urbana” e para que o desenvolvimento rural seja assimilado, automaticamente, à urbanização do campo.



Além deste contexto territorial e administrativo, segundo Abramovay (2000), o meio rural deve ser definido com base em três atributos básicos principais, quais sejam:

- 1) **Relação com a natureza:** o rural supõe um local onde o contato com o natural é natural, é imediato, é maior, diferente dos centros urbanos;
- 2) **Dispersão populacional:** o rural pressupõe local caracterizado por sua baixa dispersão populacional, que contrasta com as imensas aglomerações metropolitanas;
- 3) **Relação com as regiões urbanas:** o rural indica locais com menor potencialidade de desenvolvimento.

O mundo rural diferencia-se do mundo urbano, por suas particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, as quais demonstram como uma realidade própria, da qual fazem parte, tendo ainda como exclusividade, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba (WANDERLEY, 2004, p. 13).

A visão cultural como foco na conceituação do meio rural também é evidenciada por Carneiro (2002), quando considera a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas.

Observando as diversas visões que podem existir e influenciar a definição do meio rural, pode-se dizer que, mesmo ensinados como antônimos, evidentemente existem características que o distinguem, o meio urbano e rural também possui pontos que os igualam ou os fazem dependentes. Abramovay (2000) salienta, neste sentido, que é fundamental a renda urbana depender do dinamismo rural, não só daquela constituída por mercados consumidores anônimos, distantes e destinatários de *commodities*, mas essencialmente do que se volta ao aproveitamento dos benefícios do meio rural, como a produção territorializada de qualidade, a paisagem, a biodiversidade, a cultura e um modo de vida específico.

A par desta relação de interdependência e influência de um meio em outro, quer se frisar que o rural não pode ser pensado como um ambiente melhor ou pior que o urbano, mas sim, único, diferente, distinto. Segundo Abramovay (2000), considerar que os processos migratórios serão capazes de conduzir populações que vivem humildemente no meio rural ao sucesso nos centros metropolitanos é, talvez, desconhecer a percepção generalizada de que estes deixaram de ser desde meados de 1980, um caminho socialmente valorizado de ascensão social. Ao mesmo tempo, em muitas regiões, o próprio crescimento das cidades proporciona a estes habitantes rurais, no local onde vivem mesmo, a oportunidade de geração de renda até então inexistentes.

Percebe-se nitidamente que a questão da consideração do meio urbano e do meio rural é fortemente ligada ao fator do desenvolvimento econômico dos seus habitantes. Carneiro (2002, p. 233) enfatiza que

A noção de multifuncionalidade da agricultura surge no contexto de busca de soluções para as ‘disfunções’ do modelo produtivista e inova ao induzir uma visão integradora das esferas sociais na análise do papel da agricultura e da participação das famílias rurais no desenvolvimento local.

Assim, de acordo com Silva (1997, p. 43), “está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano”. E isso realmente não é um tema relevante. Importante hoje é compreender o rural e o urbano, do ponto de vista da organização da atividade econômica, como locais onde “as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária” (SILVA, 1997, p. 43). O campo e a cidade devem ser vistas como espaços onde se produzem relações culturais, sociais e econômicas, entre tantas, e como tal devem ser considerados, para que, em ambos os espaços, possa se dar o desenvolvimento em todos estes níveis, sem o prejuízo de um em detrimento do outro; sem considerar, como já frisado, um meio inferior ao outro.

Nesta direção está Abramovay (2000, p.5), quando enfatiza que é comum “o rural ser definido de tal forma que o associa imediatamente a precariedade e carência”, no entanto, o autor enfatiza que este meio não está fatalmente condenado ao abandono e à desertificação e tem definida a sua importância para as sociedades contemporâneas, influenciando fortemente a dinâmica das cidades, e como estas, estando sujeito a avanços e progressos. Sujeito ao desenvolvimento sem, no entanto, significar que desenvolver o meio urbano seja urbanizá-lo, povoá-lo. Nem que desenvolver a cidade seja aumentar o êxodo rural.

### 2.3 ÊXODO RURAL

O êxodo rural consiste na saída dos habitantes do meio rural migrando para o meio urbano, ou seja, é a saída de pessoas do campo para a cidade. Segundo o IBGE (2000), o êxodo rural é o termo pelo qual se designa o abandono do campo por seus habitantes, que, em busca de melhores condições de vida, se transferem de regiões consideradas de menos condições de sustentabilidade a outras, podendo ocorrer principalmente de áreas rurais para

centros urbanos. Buscando-se a origem desse fenômeno, tem-se que se trata de um movimento que ocorreu em grande escala e com muita intensidade no Brasil a partir da década de 1960, durante o governo de Juscelino Kubitschek, época em que o país estava no auge de seu processo de industrialização. Segundo Abramovay (2000, p. 13), a partir da década de 1960 e 1971,

[...] tem ocorrido um declínio populacional constante no meio rural, sendo que em 1996 o seu número de habitantes chegou a um total de 33,8 milhões, equivalendo a 22% do total da população brasileira. São cada vez mais jovens que têm deixado o campo. Tratando-se da região Sul, durante a década de 1970, quase metade (45,5%) da população rural que residia nesta região no início da década saiu do campo - 29% de todos os migrantes rurais do país. Nestes 10 anos, a população rural da região sul do país tem uma redução de 2 milhões de habitantes.

Segundo o Governo Federal do Brasil (BRASIL, 1997), os números do processo de urbanização do Brasil são expressivos: em 1940, a população brasileira era de 41 milhões de habitantes, 70% vivendo na área rural e 30% nas áreas urbanas, conforme demonstrado na Tabela 1.

**TABELA 1:** Cenário da população rural no Brasil.

<b>ANO</b>	<b>PORCENTAGEM</b>	<b>NÚMERO DE HABITANTES</b>
<b>1940</b>	70%	41 milhões
<b>1980</b>	32%	121 milhões
<b>1997</b>	25%	150 milhões

**Fonte:** Brasil (1997).

Analisando, no entanto, o período de 1980, percebe-se que a população triplicou, chegando a 121 milhões, 68% já residentes nas cidades. Percebe-se que em apenas cinco décadas o número da população rural e urbana inverteu-se expressivamente. Segundo os dados extraídos da obra “Reforma Agrária: compromisso de todos”, o Brasil em 1997 contava com mais de 150 milhões de habitantes, 75% nas cidades e 25% no campo (BRASIL, 1997), como pode ser visto na Tabela 2.

**TABELA 2** : Cenário da população urbana no Brasil.

ANO	PORCENTAGEM	NÚMERO DE HABITANTES
1940	30%	41 milhões
1980	68%	121 milhões
1997	75%	150 milhões

Fonte: Brasil (1997).

Uma questão que se impõe como básica quando se trata do êxodo rural é: qual sua causa? Segundo Evangelista e Carvalho (2001, p.7),

O êxodo pode ser definido como uma aceleração da migração rural-urbana, às vezes caracterizando mesmo um processo de expulsão, quando há conflito em torno da posse da terra e catástrofes climáticas como secas e enchentes. A utilização da mesma legislação trabalhista para a cidade e para o campo, enfraquecendo formas de relacionamento, proprietários-trabalhadores rurais antigas também seria um fator acelerador da liberação de mão de obra.

Na visão de Abramovay (2000, p.13), as razões principais que levam ao êxodo rural são “os subsídios, os incentivos econômicos e o aparato institucional mobilizado para estimular a adoção de técnicas produtivas e culturas altamente poupadoras de mão de obra”. A *modernização da agricultura* parece ter sido fato fundamental na aceleração do êxodo rural. É imprescindível compreender o processo histórico que motivou a modernização da agricultura, também chamada “Revolução Verde”.

[...] em meados da década de 1960, vários países latino-americanos engajaram-se na chamada “Revolução Verde”, que tem como princípios o aumento da produtividade através do forte uso de insumos químicos, de variedades de alto rendimento melhoradas geneticamente, da irrigação e da mecanização, os objetivos então estabelecidos eram condizentes com o cenário mundial da época, tais como: crise no mercado de grãos alimentícios, aumento do crescimento demográfico e a previsão, em curto prazo, de uma “catástrofe alimentar” que poderia originar crise em certas regiões do mundo (ALMEIDA, 2009, p. 44).

No Brasil, esse movimento passou a ser sentido a partir da década de 1970, fato comentado por Bassani (2006), que aponta uma nova etapa da agricultura brasileira, com a adoção (para os que podiam pagar) de insumos, fertilizantes e adubação química, com pesados investimentos em tecnologias, iniciando o processo de mecanização do meio rural tomada como modelo na agricultura de países desenvolvidos, ela foi adaptada a realidade dos países de terceiro mundo, provocando assim impactos intensos nas relações sociais, na estrutura agrária e produção econômica, gerando crise social, econômica e ambiental.

De acordo com Palmeira (1989), a modernização na agricultura produziu uma maior mobilidade do homem do campo para a cidade em busca de melhorias de rendimentos em função da concentração da propriedade agrária na mão de poucos - os que tinham posses e condições financeiras para adequar a propriedade às novas tecnologias, utilizando-se, muitas vezes da mão de obra dos pequenos produtores e dos trabalhadores pobres. Reitera o autor que “as disparidades de renda aumentaram, o êxodo rural acentuou-se, aumentou a taxa de exploração da força de trabalho nas atividades agrícolas, cresceu a taxa de auto exploração nas propriedades menores, piorou a qualidade de vida da população trabalhadora do campo” (PALMEIRA, 1989, p. 87).

É devido a estes fatos que o termo modernização não é muito bem aceito, fazendo com que alguns autores prefiram usar a expressão “modernização conservadora”:

A urbanização e a industrialização, como fenômenos específicos do processo de modernização no contexto rural, transformaram formas de produção com a implementação de técnicas cientificamente informadas e com as mudanças ocorridas na estrutura populacional e fundiária. Tais fenômenos fizeram-se notar inicialmente na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França, mas posteriormente foram notados, em menor ou maior grau, em diversas partes do mundo. Pode-se dizer que a modernização agrícola está ligada à transformação da produção em *commodities*, alterando os mercados agrícolas internacionais e as culturas locais tradicionais. O processo demandou incrementos tecnológicos para o aumento da produção, como estratégia de competição global entre grandes empresas agrícolas e a escassez de terras devida ao aumento da demanda e à saturação dos espaços tradicionais de cultivo nos países desenvolvidos (ALMEIDA, 2011, p. 16).

Almeida (2011) diz, ainda, que o fato de a modernização agrícola ter vindo acompanhado de incentivo às exportações agroindustriais por meio do crédito subsidiado, aumentou os recursos dos grandes agricultores na compra de produtos e insumos de maior rentabilidade, o que provocava, também, a necessidade de compra de mais terra - vendida, muitas vezes, pelos pequenos que “iam embora do campo”:

[...] o crescimento deste crédito a partir da década de 1970 representando a principal fonte de recursos para a compra de insumos e máquinas agrícolas. Com a facilitação desse crédito, os produtores puderam beneficiar-se com as novas tecnologias, como as sementes híbridas e os novos defensivos agrícolas, os quais passaram a fazer parte daquilo que se convencionou chamar de Revolução Verde (ALMEIDA, 2011, p. 21).

A diversidade de insumos químicos surgidos, bem como as sementes transgênicas, eram privilégios para poucos, ou seja, concentrava-se apenas nas mãos dos grandes latifundiários, o que fez com que os pequenos agricultores, perdessem o pouco de espaço que tinham no mercado, outra questão, é a questão das *commodities*, fator que também abalou os

pequenos agricultores, já que um pequeno agricultor não tem condições para produzir em grande escala; inovação tecnológica e mecanização agrícola da produção rural, eis aqui mais uma dos fatores, que levam as famílias, a partirem do meio rural para a cidade, pois com tais inovações tecnológicas, a mão de obra no campo, passa a ser substituída por tal mecanização agrícola, tornado desnecessário, o serviço braçal, deixando sem emprego muitas famílias, já que o acesso a estas inovações pertenciam apenas aos grandes proprietários de terras.

Esta situação, de o maior número de recursos (insumos, terras, entre outros) ficarem nas mãos de um pequeno número de grandes proprietários, conforme Bassani (2006), a chamada “modernização conservadora” acirrou a produção de conflitos e desigualdades no campo imprimindo uma nova dinâmica à vida do meio rural e ao processo de produção e modo de vida e trabalho; o que provocou, por vezes, a transformação do morador rural em proletário em função da nova lógica vigente: a modernização do campo.

Observa-se, diante do exposto, que essa “modernização conservadora” não possibilitou a adesão de todos os agricultores do meio rural, que por não conseguirem acompanhar o crescimento, acabaram sendo excluídos. Pode-se considerar, então, que a modernização (além dos ganhos trazidos à economia e a alguns grandes produtores) também constituiu-se em um processo excludente, uma vez que, quem não conseguiu acompanhar teve que abandonar o meio rural, fortalecendo o processo de êxodo. Sobre o contexto da exclusão, Assad e Almeida (2004, p.19) manifestam que:

Não resta dúvida, no entanto, que o processo histórico de modernização tecnológica da agricultura brasileira tem natureza excludente e tem por face mais visível o chamado *apropriacionismo*, ou seja, o processo progressivo de diminuição da fatia da renda do valor agregado final operado dentro das unidades de produção rural. Por outro lado, é crescente o reconhecimento de que, mesmo no extrato de agricultores considerados como agricultores familiares, a agricultura não é mais vista como uma atividade autônoma completamente dissociada de demandas externas, sejam impostas por mercados locais, sejam pela conjuntura estruturada em torno do grande agronegócio.

Dos que ficaram no campo, vencendo a ânsia, a vontade e as motivações que levavam ao êxodo rural, muitos passaram a sofrer o processo de descapitalização, enfrentando falta de dinheiro, de recursos para bem viver. Neste sentido, posicionam-se Bertoncello, Rossi e Badalotti (2007, p. 103):

A exigência de incorporação de tecnologias (máquinas, insumos, etc), visava cada vez mais uma produção voltada para o mercado, o que ocasionou a descapitalização de muitas famílias provocando uma desestabilização na produção agrícola, bem como a existência de excesso populacional, deixando os filhos que cresciam sem alternativas de continuação no campo.

Pode-se inferir, assim, que a modernização fez com que muitos agricultores deixassem o meio rural e fossem para a cidade em busca de novas alternativas de trabalho e expectativa de melhorar de vida, ocasionando com isso o chamado êxodo rural. Evidentemente que as causas são mais e mais variadas do que estas apontadas e não se encontram atreladas somente à modernização agrícola, diferenciam-se, também em função do período de tempo em que ocorre o processo e a localidade, região ou país. No entanto, é necessário que os governos e as lideranças responsáveis e preocupadas com a manutenção e o desenvolvimento do meio rural motivem formas de pesquisar estas causas, dentro de suas realidades locais.

Da mesma forma, a consciência das consequências do êxodo rural são de interesse para o desenvolvimento do campo e da cidade. Além do processo de urbanização visto anteriormente, a saída em massa dos habitantes do meio rural para os grandes centros ocasionou um inchaço nas periferias das grandes cidades, bem como um crescimento da pobreza e da criminalidade nos grandes centros (ABRAMOVAY, 2000; EVANGELISTA e CARVALHO, 2001). Isto se deve ao fato de que as cidades não estavam preparadas para receber tanta gente, e também porque nem todos os que migram para as cidades conseguem empregos, e por este motivo acabaram ficando numa situação de extrema pobreza, onde para sobreviver, ou pelo menos para adquirir alimentos, precisam cometer algum tipo de delito ou crime, ficando a margem da marginalidade.

Neste contexto encontram-se jovens oriundos das famílias que residem (ou residiam) no meio rural e partiram para a cidade, atraídos, muitas vezes, com a possibilidade de uma “vida melhor” ou, iludidos com a possibilidade de uma vida mais “fácil” ou com o “ganho fácil de dinheiro” e, também, aquele jovem que vê no campo, a impossibilidade de continuidade de seus estudos, seu sustento e seu desenvolvimento profissional e econômico. Guiados por causas ou motivos diversos, estão o jovens, contribuindo para o êxodo rural e sofrendo, em decorrência, consequências que, muitas vezes são positivas, outras, nem tanto.

## 2.4 O JOVEM RURAL

Segundo o IBGE (2000), para efeitos de estudos, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 24 anos, pois o segmento de pessoas com esta faixa etária constitui-se em um público alvo para as indústrias de marketing, mídia, moda, indústria de consumo e lazer, para a qual desenvolvem produtos ou programas específicos. Este grupo geralmente

pressiona a economia para a criação de novos postos de trabalho e são importantes para o futuro político e econômico do Brasil, merecendo atenção direta dos responsáveis pelo planejamento e administração de áreas diversas, assumindo significado muito importante na sociedade em termos sociais, políticos e culturais do país. O jovem, neste sentido, está num período muito importante do desenvolvimento humano, marcado por mudanças, descobertas e, principalmente, a busca por novos horizontes e a vivência de experiências que lançam este ser humano à vida adulta, formando-se um profissional, um indivíduo que dê conta de suas necessidades financeiras, entre outras. De acordo com Durston (1994 *apud* CARNEIRO, 1998, p. 1),

a fase juvenil se caracteriza por uma gradual transição até a assunção plena dos papéis adultos em todas as sociedades, tanto rurais como urbanas [...] pode-se dizer que a juventude dura desde o término da puberdade até a constituição do casal e de um lar autônomo.

Neste sentido, existem muitas diferenças nos estilos de vida das populações jovens do meio rural e do urbano. Nota-se, conforme Gonçalves e Carvalho (2007), que estas diferenças concentram-se, basicamente, nos estilos de vida destas duas realidades, no que se refere à alimentação, higiene, segurança, conforto, lazer, atitudes perante o sexo seguro, bem estar, ambiente, água, níveis de satisfação, recursos econômicos, perspectivas de vida. Segundo Carneiro (1998, p. 1),

Os jovens figuram em categorias intermediárias que não fazem parte de uma qualificação específica por parte dos classificadores: são os “estudantes”, no caso dos de origem urbana ou os “filhos de agricultores” no caso daqueles que são de origem rural. Preenchendo apenas o vácuo estatístico que se dá daqueles que ainda não entraram na vida ativa, tal contingente da população fica na espera de atingir a maioria para se tornar visível e qualificado como objeto de estudo.

A autora segue indicando que existe uma lacuna no que tange à conceituação e a caracterização do jovem do campo ou jovem rural. Neste sentido, Carneiro (1998, p.1) expressa que “estudos sobre a organização social no campo fazem referência ao jovem apenas como aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho na família”. Isso demonstra que, no que se refere ao mundo rural, a juventude permanece, ainda, em uma situação de vulnerabilidade no que se refere à sua compreensão, aos seus modos de vida e as suas reais necessidades. Merece então, ser estudada, compreendida dentro de seus contextos e realidades.



Segundo IBGE (2000), o Brasil tem 48 milhões de habitantes entre 15 e 29 anos, 34 milhões têm entre 15 e 24 anos, destes, 5,9 milhões mora no meio rural. Conforme a Agência Nacional dos Direitos da Infância (ANDI) a situação deste jovem pode ser considerada preocupante, analisando-se, por exemplo, o viés econômico:

[...] pois no projeto modernizador da agricultura não há espaço para o agricultor, o que faz também com que não haja espaço para o jovem do campo. Onde as famílias são “expulsas” do meio rural pelos projetos de grandes construções de usinas hidrelétricas, pelos grandes latifundiários que vão adquirindo mais terras, ou atraídos por uma vida mais digna através de empregos e facilidades na cidade (ANDI, 2010, s/p).

Percebe-se aí que o êxodo do jovem rural para a cidade pode ser motivado, muitas vezes, pela modernização da agricultura que permite somente aos mais abastados seguir com as suas funções no campo, fortalecendo a renda e garantindo seu sustento. É a modernidade impondo suas regras. No entanto, são muito e outros fatores que também impelem o jovem à cidade, dentre estes os de cunho cultural. Ainda de acordo com a ANDI (2010, s/p):

Há uma compreensão errônea muito forte: ser do interior é ser atrasado. Então, muitos dos que têm um pouco mais de condições estabelecem a sua moradia na cidade e continuam cultivando a terra. E quando lhes é perguntado onde moram, logo se identificam como moradores urbanos e desprezam a sua identidade rural. Um modelo de jovem da roça “adiantado” que nos é apresentado é o peão de boiadeiro, aquele que possui máquinas de alto valor, o grande produtor e assim por diante.

No aspecto cultural, Carneiro (1998, p. 3) enfatiza que o jovem rural,

Dentro dessa ambigüidade está em curso a constituição de uma nova identidade. Cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, vêem sua auto-imagem refletidas no espelho da cultura “urbana”, “moderna”, que lhes surge como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem.

Além da questão econômica e cultural apontadas acima, a questão da educação escolar também merece ser considerada quando se está falando sobre os jovens do meio rural, faz-se necessário apresentar alguns dados do Censo Escolar 2002, do Ministério da Educação (MEC) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) sobre estes, para que haja um melhor entendimento sobre o tema em questão, entre eles:

- 94% dos estudantes do ensino médio residentes no campo frequentam escolas urbanas;

- os adolescentes da área rural têm quatro vezes mais possibilidade de ser analfabetos do que os da área urbana. Isto pode ocorrer pelo fato de o meio rural não ter a mesma estrutura que o meio urbano, ou seja, dentre outras condições precárias que existem no meio rural, a educação está incluída também;

- 65,1 % dos estudantes rurais se encontram em situação de defasagem idade/série;

- apenas 1,56% dos universitários do País eram jovens do campo, com idade entre 15 e 24 anos (Censo Escolar 2002 *apud* ANDI, 2010).

A família também é uma questão que gera dúvidas e apreensão ao jovem rural quando em sua decisão de deixar o campo. Geralmente as comunidades do interior têm uma maior ligação parental do que as do centro urbano visitam-se mais, convivem mais. Neste sentido, de acordo com Carneiro (1998, p.3) “os jovens ficam em dúvidas entre o projeto de construir vidas individuais, no desejo de melhorarem o padrão de vida, de ‘serem alguém na vida’, e o compromisso com a família”. Isso os confunde no que se refere ao sentimento de pertencer ao local de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade e convivência na cultura rural. E neste aspecto outra condição vem à tona, assim como a família é motivação, às vezes, para o jovem permanecer no campo, em função de sua importância, foi (ou é) a família que muitas vezes sugere ao jovem a sua saída:

A tática das famílias era voltada para a reprodução de uma prole numerosa centrada na atividade agrícola - predominantes nas duas primeiras gerações de “colonos”- exigiam esforços de toda a família para adquirir novas terras e suficientes para a instalação de todos os filhos homens na agricultura [...] observou-se que já os filhos mais jovens da segunda geração eram estimulados pela própria família a buscar outras alternativas [...] A migração para a cidade ou a mudança de ocupação parecia ser a melhor estratégia para a sobrevivência dos filhos de agricultores excluídos do processo de sucessão do pai-chefe da unidade produtiva, ainda na década de 60 (CARNEIRO, 1998, p. 3-4).

Carneiro (1998) diz, ainda, que o desenvolvimento da atividade industrial acompanhado da urbanização fez com que aumentasse o movimento de migração para a cidade dos jovens nascidos, principalmente, na década de 1950 quando, na maioria das famílias, numerosas ainda, apenas um ou no máximo dois filhos ficavam na terra. Pois estas eram em número pouco para garantir o sustento de toda a família, todos os filhos. Neste sentido, a migração dos jovens para a cidade era uma questão de necessidade, de sobrevivência e de reprodução das famílias camponesas em uma situação de “impossibilidade da “colônia” absorver a prole numerosa” (CARNEIRO, 1998, p. 4). Para elucidar e melhor compreender esta situação, cita-se um depoimento, colhido por Carneiro (1998, p. 4, grifo nosso), de um jovem que abandonou o campo para ir morar na cidade, impelido pela família.

Eu tenho 41 anos e saí (de casa) com 11 anos, e se eu te opinar, te disser algo do porquê (eu saí), a única coisa que eu tenho para te falar é que tinha gente da família aqui, tinham os tios que saíram. *Saí por convite da família*, não por mim. Não, porque na minha época eu não tinha opinião formada ainda, tinha 11 ou 12 anos... não tinha opinião formada ainda. A gente saiu para buscar um estudo. Nossos pais, nossa família influenciou muito para que a gente saísse para estudar, para que tivesse estudo, tivesse uma formação. Não com o intuito de sair da terra mas para ter uma formação. Só que evidentemente com a idade que eu tenho, com a experiência.... Todos que saíram não voltaram porque a própria cidade te oferece mais coisas, ela te oferece lazer... Um tabu que a gente tinha lá (na colônia), que a gente é diferente. Apesar dos 20, 19 anos, eles vêm para uma cidade assim e não voltam nunca mais. Alguns ficam (na colônia), vão trabalhar na prefeitura e acabam ficando. Mas, hoje não! Hoje se tivesse uma terra para eu voltar..., nas condições que eu tenho hoje..., eu até voltaria (Filho de agricultor, gerente e sócio de uma indústria de lixas industriais em Caxias do Sul).

Ainda buscando mostrar a realidade, pode-se citar uma pesquisa realizada por Carvalho e Gonçalves (2007), com 800 sujeitos (400 do meio urbano, de Botica; e 400 do meio rural, de Braga, ambos no Rio de Janeiro), para investigar se existem ou não diferenças significativas entre estes no que se refere ao estilo de vida: alimentação, higiene, segurança, conforto, lazer, atitudes perante o sexo seguro, bem-estar, ambiente, água, níveis de satisfação, recursos econômicos e perspectivas de vida. Dentre os principais resultados conseguidos pelos autores, destaca-se:

As desvantagens econômicas, as reduzidas oportunidades de emprego e a ausência de uma remuneração gratificante apresentadas pelo meio rural estão na base da maior intencionalidade de emigrar por parte dos jovens deste meio comparativamente aos seus colegas urbanos. [...] Quanto aos urbanos vêm na profissão um elemento facilitador de acesso a melhores condições de vida. [...] O estudo torna claro que a estas duas comunidades estão subjacentes concepções e práticas de estilos de vida distintas resultantes dos evidentes diferenciais de ordem econômica, sócio-organizativa, infraestrutural, cultural, valorativa, recursos e interesse político (CARVALHO e GONÇALVES, 2007, p. 13-14).

A pesquisa referida por Carvalho e Gonçalves (2007) deixa clara a relação que há entre a questão da empregabilidade e a saída do jovem do campo. Para a maioria dos jovens urbanos a profissão e emprego são tidos e valorizados como elementos que podem facilitar o acesso a melhores condições de vida e considerados como pontos determinantes do seu futuro. Para os jovens rurais essa percepção não se revela de forma tão aguçada, o emprego e o trabalho são buscados por necessidade. Neste sentido, jovens deixam o campo em busca, basicamente, de oportunidades de trabalho, fazendo com que, no campo, permaneçam mais homens do que mulheres, fazendo acontecer o fenômeno da masculinização do campo e, do mesmo modo, o envelhecimento populacional.

## 2.5 CONSEQUÊNCIAS DA SAÍDA DO JOVEM DO CAMPO

As consequências da saída do jovem do campo são muitas e diversas, exigindo para sua total compreensão um grande empenho na busca de pesquisar as peculiaridades de cada realidade, de cada região rural. No entanto, de forma geral, a revisão bibliográfica indicou que a *masculinização do campo* é significativa e decorrente do êxodo rural jovem.

### 2.5.1 Masculinização do campo

A evasão do meio rural acabou gerando o processo de masculinização do campo – predomínio de indivíduos do sexo masculino - uma vez que as mulheres são as que mais deixam as suas residências para buscar outras oportunidades na cidade, de acordo com autores diversos, como Mendras (1995 *apud* CAMARANO e ABRAMOVAY, 1999) e Abramovay *et al.* (1998).

Nesse sentido, Mendras (1995 *apud* CAMARANO e ABRAMOVAY, 1999) esclarece o fenômeno explicando que o estudo histórico do êxodo rural na atualidade opõe-se ao que ocorreu no final do século passado no que tange aos processos migratórios, quando os homens partiam do campo para trabalhar na cidade: às mulheres à época eram delegadas as funções do cuidado com o lar e os filhos. Hoje, no entanto, com a conquista do mercado do trabalho pelo sexo feminino e as novas condições sociais e econômicas vigentes no campo, mudou a situação, e são as mulheres que partem mais rapidamente e em maior número para a cidade; e, os homens acabam por ficar no campo onde o trabalho parece adaptar-se mais ao gênero masculino (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1999). Neste aspecto, Camarano e Abramovay (1999, p. 14), explicam:

Em algumas situações, o caráter seletivo das migrações está ligado a dinâmicas intrafamiliares em que as moças têm uma carga de trabalho pesada no interior das unidades de produção familiar, sem qualquer contrapartida que lhes indique horizontes em que sua permanência no campo possa ser valorizada [...] deixar a residência paterna é o caminho mais curto para a independência econômica, apesar dos inconvenientes ligados ao trabalho de doméstica. A própria família estimula esta migração, uma vez que são bem reduzidas às chances de as moças poderem se estabelecer como agricultoras ou esposas de agricultores.

Considerando a dinâmica dos processos migratórios percebido pelo fato de que este

muda com o passar dos tempos e dos fatos, principalmente de ordem econômica, hoje se pode dizer que as instituições ligadas à gestão rural, com vistas ao desenvolvimento deste ecossistema, deve se empenhar em promover a estada da mulher no campo ou qualificar-lhe a ida para a cidade, evitando que esta ao deixar o campo viva em condições impróprias no meio urbano.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia trata da forma como a pesquisa será feita, suas características e peculiaridades para se chegar, assim, a uma determinada análise de dados e, conseqüentemente, a um resultado ou solução do problema apresentado pelo estudo em questão. “O método deriva da metodologia e trata do conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma realidade específica, produzir um dado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos” (DIEHL e TATIM, 2004, p. 48).

De acordo com a abordagem do problema – quais são as principais causas que levaram os jovens a deixar o meio rural do município de Marau/RS, especificamente aqueles da comunidade de Nossa Senhora Aparecida? – este estudo classifica-se como qualitativo, apesar de aparecerem algumas abordagens estatísticas secundárias (percentuais), que ilustram os fenômenos, não caracterizando este estudo, no entanto, como quantitativo. A pesquisa qualitativa, de acordo com os mesmos autores, pode descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

De acordo com o objetivo geral - identificar as principais causas que levaram os jovens da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, no município de Marau/RS a deixarem o meio rural - a presente pesquisa classifica-se como exploratória. Uma pesquisa exploratória, segundo Malhotra (2001), tem a finalidade de fornecer subsídios para a compreensão dos problemas propostos pelo entrevistador. Muito utilizada onde a definição precisa do problema é essencial.

Quanto ao procedimento técnico de pesquisa, este estudo distingue-se como sendo um estudo de caso. Diehl e Tatim (2004) expõem que o estudo de caso distingue-se pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir seu amplo e detalhado conhecimento, deste modo, este procedimento apresenta uma série de vantagens, tais como: o estímulo a novas descobertas, a ênfase na totalidade e a simplicidade dos procedimentos. Segundo Yin (2005), o estudo de caso é uma forma diretiva de investigação empírica, e no caso, pode ter tanto caráter exploratório quanto descritivo.

População ou universo de pesquisa, conforme Diehl e Tatim (2004) é um conjunto total de elementos passíveis de serem mensurados com respeito às variáveis que se pretende

levantar. Definiu-se para este estudo, como universo de pesquisa, todas as famílias da comunidade de Nossa Senhora Aparecida que saíram do meio rural para morar na cidade, nos últimos dez anos. Essa população é de 17 famílias, conforme dados de Lopes (2011). As 17 famílias que saíram da comunidade, entre os anos de 2001 e 2011, perfazem um total de 73 pessoas, sendo que em três famílias o chefe da família (pai ou mãe) já faleceram; 17 pessoas estão com menos de 14 anos; 25 são jovens, sendo 14 moças e 11 rapazes.

Neste sentido, para se efetivar o estudo do caso da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, meio rural do município de Marau/RS, aplicou-se, para coleta de dados primários, a técnica da entrevista com roteiro semiestruturado (APÊNDICE A). O roteiro de entrevista aplicado diretamente às famílias pelo pesquisador foi construído com base em questionamentos considerados pertinentes neste tema de estudo.

As entrevistas foram feitas com o auxílio do professor Alair Poletto Lopes, o qual, como anteriormente comentado, foi morador de Nossa Senhora Aparecida por muitos anos, bem como foi professor na escola da comunidade. A pesquisa foi realizada no período entre abril e junho de 2011. O professor Alair conhece todas as famílias que deixaram a comunidade e sabe onde moram no município de Marau, tendo me acompanhado em todas as entrevistas, mostrando-me a casa e me apresentando para as famílias.

Todas as pessoas entrevistadas assinaram um termo de consentimento padrão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que se encontra no APÊNDICE B.

Em relação aos dados secundários, contou-se com o quadro conceitual elaborado, bem como os dados sobre a comunidade que foram relatados pela família Lopes, em especial, o Professor Alair Poletto (LOPES, 2011). Da mesma forma, serviram como instrumento de pesquisa documentos que se encontram na Secretaria Municipal de Saúde e da Secretaria da Paróquia do município de Marau, e alguns poucos documentos na própria comunidade. Também fez-se importante, obras escritas por marauenses que retratam a história do município.

Expõem Diehl e Tatim (2004) que em pesquisas, tanto de caráter qualitativo como quantitativo, existe a necessidade de organizar os dados coletados para que eles possam ser interpretados pelo pesquisador; existindo, para isso, instrumentos específicos de análise de dados, os quais se ajustam aos diferentes tipos de pesquisa e de material colhido. Assim, a análise dos dados neste estudo foi feita pela compilação dos dados das entrevistas e a comparação destes com o quadro conceitual e os demais dados secundários.

## **4 MOTIVAÇÕES PARA O ÊXODO DO JOVEM RURAL DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA**

### **4.1 O MUNICÍPIO DE MARAU: O CONTEXTO DA PESQUISA**

O município de Marau tem suas origens remotas, tendo sido durante muito tempo apenas território para tropeio de gado. Depois, a Coroa distribuiu sesmarias para que os tropeiros e os militares se estabelecessem em estâncias. A vinda de alguns imigrantes das mais diversas pátrias fez surgir os primeiros núcleos populacionais, um denominado de Tope e o outro, de Marau. Este recebeu as primeiras famílias de imigrantes italianos por volta de 1904 e mais tarde tornou-se a sede do 5º Distrito de Passo Fundo, criado em 1916 (MARAU, 2011). No ano de 1911, conforme Bernardi (1992) se instalaram no território os primeiros colonos: descendentes de imigrantes italianos, que começaram a chegar em 1911, iniciando o desenvolvimento comercial e industrial .

O município deve seu nome à trágica história de um bravo cacique, de nome Marau, que percorria as vastas selvas da Serra Geral em busca de alimentos. Frente a um bando de índios Coroados, acusados de trucidar dois moradores da aldeia Passo Fundo das Missões, os índios foram perseguidos por uma escolta que atravessou o rio Capingui e, às margens de um arroio, depois chamado de Mortandade, travaram a primeira batalha. Ainda no encalço dos índios fugitivos, a expedição prosseguiu em direção ao sudeste, exterminando o bando às margens de um rio maior. Esse batismo de sangue nomeou-o de rio Marau e com o mesmo nome também passou a ser chamada a região adjacente, povoada por caboclos (BERNARDI, 1992).

O município de Marau localiza-se geograficamente na região do Planalto Médio - Região da Produção e pertence à Associação dos Municípios da Encosta Superior do Nordeste, tendo como coordenadas geográficas, latitude 28°26'58.3" e longitude 52°12'01.71". Está localizado a 557 metros acima do nível do mar, possui uma área territorial de 651,11 km<sup>2</sup> e está a 269 km de distância da capital do estado, Porto Alegre, conforme demonstra a Figura 1. A Figura 2 mostra a vista aérea do município, e a Figura 3 o aspecto geral do mesmo, em sua região urbana.





**FIGURA 1:** Localização do município de Marau/RS.

Fonte: Bernardi (1992).



**FIGURA 2:** Vista aérea do município de Marau/RS no ano de 2010.

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Marau (MARAU, 2011).



**FIGURA 3:** Vista da avenida principal de Marau/RS no ano de 2010.

**Fonte:** Site da Prefeitura Municipal de Marau (MARAU, 2011).

De acordo com o IBGE (2010), o município ocupa a 47<sup>a</sup> posição no estado e a 137<sup>a</sup> posição no país em função do índice de desenvolvimento humano (IDH) municipal de 0,83, da taxa de alfabetização de 0,94 e o índice de esperança de vida ao nascer de cerca de 75 anos. Conta, atualmente com uma população de 36.383 hab., cujo aumento com o passar dos anos pode ser visto na Tabela 3.

**TABELA 3:** População total do município de Marau/RS.

ANO	TOTAL DE POPULAÇÃO
1991	25.167
1996	25.216
2000	28.361
2007	33.778
2010	36.383

**Fonte:** IBGE (2010).

O clima do município é do tipo temperado (subtropical), com temperaturas variando

entre 18°C e 25° C. As temperaturas mais baixas registrada no município chegam aos 2°C negativos e as mais altas chegam a 39°C entre os meses de dezembro a março (BERNARDI, 1992). Outras características ambientais relevantes do município de Marau:

**a) Relevo:** o território de Marau é acidentado, com exceção das margens dos rios e que apresentam alguns declives e penhascos. A quase totalidade do solo marauense é ondulada por coxilhas. Os pontos mais elevados situam-se nas comunidades do Tope e São Pedro do Jacuí;

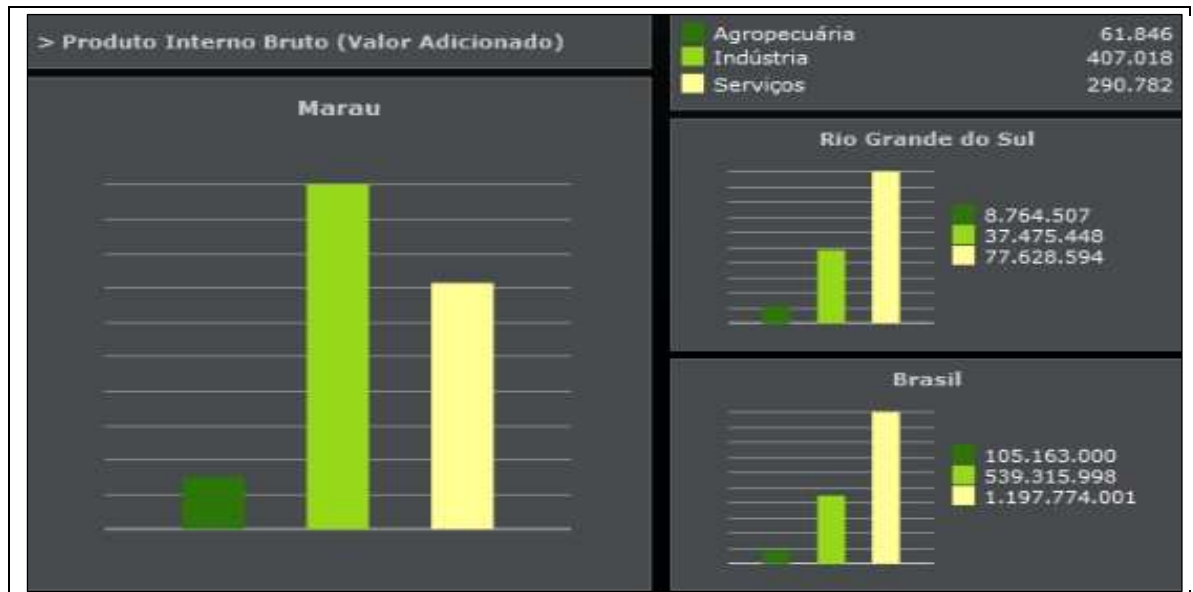
**b) Vegetação:** é composta de mata atlântica nativa com grande diversidade de espécies perenes, cobrindo os morros e margeando os rios. Hoje existem cerca de 70% da área composta por lavouras;

**c) Solos:** o solo predominante no município é Latossolo Roxo. Segundo Ker (1997), inicialmente reconhecidos como Terra Roxa Legítima, os atuais Latossolos Roxos referem-se a solos minerais, profundos, bem acentuadamente drenados de coloração vermelho arroxeadada. A correção é feita basicamente por calcário. Anterior a utilização do calcário, para combater a erosão era utilizado o terraceamento. O solo é de fácil manuseio, sendo que a cerca de doze anos foi instituído o sistema de plantio direto;

**d) Geomorfologia e geologia:** a estrutura geológica de Marau é arenito-basalto. Nesta região (sul), a maior parte dos solos de basalto é coberta por arenito;

**e) Hidrografia:** Marau é cortado por três rios principais, sendo eles: o Marau, que circunda a cidade nos lados leste e sul e deságua no rio Capingui; o próprio Capingui que se torna afluente do Guaporé e o Jacuí que alimenta a barragem de Ernestina. Faz parte da bacia hidrográfica Taquari-Antas.

Conforme dados da Prefeitura Municipal (MARAU, 2011), Marau é beneficiado pela instalação de indústrias ligadas ao setor de alimentos no município de Marau e região. Também se destaca, atualmente, o perfil econômico industrial nos segmentos metal-mecânico, couros, equipamentos para a produção avicultora e suinocultura, construção e também destaque para as agroindústrias. O Produto Interno Bruto (PIB) marauense é de R\$ 761.484.482,00 e enquanto o PIB per capita alcança valores de R\$ 25.654,00 (MARAU, 2011). A Figura 4 mostra o PIB (Valor Adicionado) comparando com o estado e país.



**FIGURA 4:** Produto Interno Bruto do município de Marau/RS.

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Marau (MARAU, 2011).

O município de Marau se destaca no cenário estadual e nacional, devido a algumas empresas que levam o nome do município além-fronteiras. Destaca-se ainda pelo número de grandes empresas, que fornece vagas de empregos. Segundo Dalcim (2010), existem 230 estabelecimentos industriais no município. A Secretaria do Desenvolvimento Econômico de Marau possui cadastradas 1250 empresas prestadoras de serviços e 900 estabelecimentos comerciais que são distribuídos da seguinte forma: 194 empresas ligadas aos produtos alimentícios, bebidas e fumos, 281 empresas ligadas ao setor de vestuário, calçados e tecidos; 128 empresas de móveis e eletrodomésticos; 77 empresas ligadas a equipamentos, e matérias para escritório, informática e comunicação; 64 empresas de livros, jornais, revistas e papelaria; 25 empresas de combustíveis e lubrificantes; 30 empresas de artigos farmacêuticos, perfumaria e cosméticos e mais 103 empresas que lidam com artigos de uso pessoal e domésticos (DALCIM, 2010, p. 78).

Percebe-se que Marau segue uma dinâmica de crescimento da industrialização e da urbanização, tendo a maior parte da população residindo na cidade: atualmente, cerca de 87% da população reside no meio urbano (IBGE, 2010). Quanto ao meio rural, pode-se dizer que é basicamente formado por agricultores familiares e possui 1.714 estabelecimentos dos quais 508 possuem menos de 10 hectares (ha), 1.100 possuem de 10 a 20 ha, o que equivale a 68,20% dos estabelecimentos, sua área rural total é formada por 48.980 ha (IBGE, 2000).

Com relação às propriedades, a maioria (68%) possui entre 10 e 100 ha, sendo que a

média é de 20 ha. Em termos de agropecuária, atualmente a produção leiteira apresenta maior destaque, enquanto a que na década de 1980 a atividade de destaque era a suinocultura. A suinocultura perdeu espaço e 65% dos produtores rurais marauenses não atuam mais nessa atividade. Os que ainda atuam, em sua maioria, possuem uma pocilga e apenas 10 produtores no município possuem mais de uma pocilga. A cultura mais plantada é a soja, com cerca de 33.000 ha por safra, produzindo anualmente mais de 90.000 toneladas (IBGE, 2000). No entanto, de acordo com dados da Prefeitura Municipal, a agricultura está voltando-se para a diversificação de produtos como o milho, aveia preta, pipoca e a canola (MARAU, 2011).

Conforme dados do IBGE (2010), o município de Marau na década de 1970 tinha 21.574 habitantes vivendo no meio rural e 4.844 habitantes no meio urbano, conforme já comentado na introdução deste estudo, o que caracterizava o município como essencialmente rural, conforme mostra a Tabela 4.

**TABELA 4:** População rural de Marau/RS – período 1970 a 2010.

	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
<b>FEMININA</b>	10658	8544	4543	2658	2312
<b>MASCULINA</b>	10916	8716	4773	2850	2494
<b>TOTAL</b>	<b>21574</b>	<b>17260</b>	<b>9316</b>	<b>5508</b>	<b>4806</b>

Fonte: Dalcim (2010).

Na Tabela 5 pode-se observar a evolução da população urbana do município de Marau dos anos de 1970 a 2010. A população urbana aumentou, em relação aos dois gêneros, mas a população feminina teve o maior peso nesta crescente.

**TABELA 5:** População urbana do município de Marau/RS - período 1970 a 2010.

	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
<b>FEMININA</b>	2516	5023	8050	11515	16022
<b>MASCULINA</b>	2328	4714	7801	11338	15535
<b>TOTAL</b>	<b>4844</b>	<b>9737</b>	<b>15851</b>	<b>22853</b>	<b>31577</b>

Fonte: Dalcim (2010)

Atualmente, segundo Dalcim (2010), o município de Marau possui 28 comunidades rurais. Alguns dados referentes a estas comunidades podem ser visualizados na Tabela 6, dentre estes, o nome da comunidade, o número de famílias e o número de pessoas em cada uma delas, bem como o total de homens, mulheres e crianças<sup>2</sup>.

**TABELA 6:** População rural das comunidades pertencentes a Marau/RS em 2010.

COMUNIDADE	Total de famílias	Total de pessoas	Total de homens	Total de mulheres	Total de crianças	Meninos	Meninas
São José dos Tonial*	34	113	49	51	13	8	5
Veado Pardo**	40	116	55	48	13	7	6
Nova esperança*	13	38	16	18	4	3	1
Nossa Senhora Aparecida**	16	51	28	20	3	2	1
Laranjeira**	87	287	133	126	28	17	11
São Paulo da Cruz**	48	179	85	79	15	8	7
Morangueira**	12	35	17	16	02	0	02
São João do Barroso**	20	56	33	23	08	04	04
São Miguel**	49	147	63	61	23	07	16
São Pedro do Jacuí**	27	78	36	32	10	06	04
Três Cerros*	18	61	24	31	6	04	02
São Luis Mortandade*	34	84	36	43	05	03	02
Cachoeirão**	22	89	42	40	7	4	3
São João do Lamaison*	11	23	09	11	3	3	0
São Sebastião da Vista Alegre**	13	38	18	17	3	1	2
Santo Antônio do Planalto**	36	125	60	50	15	05	10
Gruta do Rio Marau***	15	37	14	14	9	03	06
Linha 25**	45	141	65	54	22	09	13
Gramadinho**	51	158	78	66	14	6	8
Santo Antônio dos Trichês**	24	67	33	29	5	3	2
São José dos Ricci	24	75	36	33	6	3	3
Santo Antônio dos Pavan**	9	22	10	8	4	3	1
Caravágio**	7	19	9	6	4	4	0
Nossa Senhora do Carmo <sup>1</sup>	64	174					
São Caetano <sup>1</sup>	62	245					
Cruzinhas <sup>1</sup>	8	30					
Sagrado coração de Jesus <sup>1</sup>	27	72					
São Francisco <sup>1</sup>	49	54					

Fonte: Dalcim (2010) e Secretaria Municipal de Saúde de Marau (2010).

Legenda:

\* comunidades com mais mulheres do que homem.

\*\* comunidades com mais homens do que mulheres.

\*\*\* comunidades com o mesmo número de homens e mulheres.

<sup>1</sup> comunidades sem extração de homens e mulheres.

Considerando que no ano de 2010, conforme dados do censo do IBGE (2010), a população total do município é de 36.383 e destes apenas 4.806 habitantes estão no meio rural; e, observando-se os dados das tabelas anteriores, a população do município de Marau

<sup>2</sup> Os dados da Tabela 6 foram repassados pela Secretaria Municipal de Saúde de Marau por intermédio das agentes comunitárias de saúde.

não sofreu somente um grande aumento, mas teve um acréscimo considerável de pessoas vivendo no meio urbano. Havendo no campo, dentre as pessoas que nele permanecem, uma tendência a ter mais homens do que mulheres.

Tal dinâmica deve-se ao fato, acredita-se, de que Marau é uma cidade que oferece muitas oportunidades de emprego pela variedade de estabelecimentos existentes no município, o que pode ser um fator que contribui para que os jovens do meio rural deixem o seu trabalho no campo para irem em busca de novas oportunidades. No entanto, a motivação que leva ao êxodo rural nem sempre é conhecida, neste sentido apresenta-se, na sequência, a pesquisa realizada com as famílias da comunidade Nossa Senhora Aparecida.

#### 4.2 A COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA: O FOCO DA PESQUISA

A comunidade de Nossa Senhora Aparecida teve sua origem no ano de 1936, quando vieram se somar ao primeiro morador, Sr. Presídio Roberto, as famílias de Juvenal Lopes de Oliveira (Passo Fundo), José Tessaro (Antônio Prado), João Manoel Nogueira (Coxilha), João Stelo (Nova Bassano) e José Armiliato. A principal atividade destas famílias era a derrubada da imensa floresta (principalmente araucária) e rebocar as árvores com juntas de bois até o engenho do senhor Luis Possan, que beneficiava a madeira e com um caminhão movido à carvão a transportava até a cidade de Passo Fundo.

A primeira escola funcionou na própria igreja. As diversões eram as carreiras a cavalo dos fins de semana; estas eram feitas na própria estrada. As casas comerciais eram a bodega do Senhor Liberato De Cesaro em Laranjeira e o moinho do senhor José Romito em Santo Antônio dos Gregolos, hoje município de Mato Castelhano. Plantavam milho, feijão, mandioca e trigo, com juntas de bois, além de imensas lavouras no vale do Rio Branco.

Conforme histórico feito pelo professor Alair Poletto Lopes (LOPES, 2011), antigo morador e professor da comunidade, em 1945 começou a construção da Barragem do Capinguí que mudou para sempre a vida dos caboclos; se por outro lado a pesca se tornou uma importante fonte de alimentação e renda, os mais antigos moradores lamentam as imensas lavouras de arroz, para sempre perdidas, além da grande mata nativa que ainda hoje, setenta anos depois, em períodos de estiagem, afloram a superfície das águas. Em seu tempo áureo (por volta dos anos de 1970), a comunidade chegou a contar com setenta e cinco famílias.

Conforme Lopes (2011), a falta de infraestrutura (estradas, energia elétrica, emprego, estudo, entre outros) nesta comunidade foi uma das razões para a ocorrência das altas taxas de migração campo-cidade. Hoje apenas 16 famílias resistem ao tempo que entre as taperas em ruínas, vislumbram os “fantasmas do passado”,

Neste contexto, dentre as 28 comunidades de Marau foi escolhida como foco desta pesquisa a comunidade de Nossa Senhora Aparecida, que em 2000 possuía 33 famílias e em 2010, conta com apenas 16 (DALCIM, 2010). Tais números apontam para o fato de que, nos últimos 10 anos, 48% dos habitantes da comunidade de Nossa Senhora Aparecida migraram para as cidades. Atualmente, a comunidade tem 51 habitantes sendo 28 homens, 20 mulheres e 3 crianças (2 meninos e uma menina). A Tabela 7 demonstra a classificação quanto ao gênero dos moradores da comunidade de Nossa Senhora Aparecida em Marau-RS.

**TABELA 7:** Total de homens e mulheres na Comunidade de Nossa Senhora Aparecida hoje

<i>Questão de gênero na Comunidade hoje</i>	Frequência (%)
Homens	58%
Mulheres	42%

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2011).

Percebe-se, com a análise do Gráfico 1, que na relação de gênero a comunidade segue a tendência nacional (enfocada no quadro conceitual) e a tendência do município, revelando o que permanecem mais homens na comunidade do que mulheres, no entanto, apesar de ter sido um dos objetivos específicos da pesquisa não foi possível confirmar o fenômeno da masculinização do campo; pois o percentual de diferença de gênero é muito baixo para afirmar que o campo, neste caso, está masculinizando-se. Para tanto, há que se aprofundar o estudo, confirmando a hipótese e acrescentando novas variáveis.

#### 4.3 A COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA: CONTEXTOS E MOTIVOS DA EVASÃO

De acordo com a análise das 17 entrevistas realizadas, se pode obter alguns dados que



permitem identificar os motivos que fizeram com que as famílias, e especialmente os jovens, da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, do município de Marau, deixassem o campo e fossem fixar residência na sede do mesmo. A ideia inicial era de entrevistar apenas os jovens, mas no momento da visita, foram entrevistados não somente os jovens, mas também o pai ou a mãe, ou seja, a entrevista era feita com quem estivesse em casa no momento. A pesquisa teve o intuito de levantar dados que possibilitassem compreender as causas que motivaram os jovens desta comunidade a sair da mesma e tentar a vida na cidade.

Esses dados partem da realidade, segundo Lopes (2011), que anterior ao ano de 2000, o número de famílias da referida comunidade era de 33, hoje, passados 11 anos, o número é de 16, ou seja, foram 17 famílias que migraram para a cidade. Os motivos foram muitos, e este trabalho para agora a descrevê-los e analisá-los.

Em relação à primeira questão do roteiro, os entrevistados falaram de quanto tempo residem no município de Marau, e também sobre quem partiu antes para a cidade. Neste sentido, obteve-se que 52% dos entrevistados moram na cidade há menos de 5 anos, e 48% moram há mais de 5 anos. Ainda tratando desta mesma questão, perguntou-se sobre quem partiu para a cidade primeiro - se o jovem ou toda família. Conforme as respostas obtidas, de acordo com a realidade dos migrantes de Nossa Senhora Aparecida, em 80% dos casos, foram os jovens que vieram primeiro para a cidade, para buscar estudo, trabalho e tentar melhorar de vida, mas que posteriormente o restante da família acabou vindo também. Nesse caminho, pode-se citar Durston (1996b *apud* CAMARANO e ABRAMOVAY, 1999, p.13) que diz:

[...] num primeiro estágio da transição demográfica/ocupacional jovens rapazes pouco qualificados emigram, em geral temporariamente, para suplementar a escassa renda da família, especialmente nas etapas iniciais de formação de seus próprios lares, quando têm pouco capital, terra herdada ou trabalho para permitir sua sobrevivência no interior de sua própria unidade produtiva. Num estágio seguinte desta dupla transição, as moças estão mais expostas a alternativas à vida numa cultura 'machista' tradicional e alcançam mais anos de educação formal que podem servir como passaporte para trabalhos qualificados e freqüentemente [sic] não manuais, num novo ambiente.

Segundo a pesquisa realizada, para 20% dos entrevistados, foi a família toda que partiu para a cidade em busca de melhores condições de vida, pois no campo, a situação estava precária, as condições financeiras eram péssimas e a infraestrutura deixava a desejar. Acredita-se, analisando-se o teor das respostas, que o fato de os jovens partirem primeiramente para a cidade, deve-se ao fato de que para uma única pessoa é mais fácil conseguir um lugar para morar, pois ficavam na casa de parentes, conhecidos, ou amigos que tinham vindo há mais tempo para a cidade, conforme relatam alguns jovens, ou até mesmo em

casa alugada com mais de um morador, dividindo o aluguel. Analisando-se a composição das famílias que migraram quanto ao gênero, obteve-se que 60% das pessoas eram do sexo feminino e 40% do sexo masculino. O que fica evidente nesta questão, é que a maioria dos casos foi o jovem (mulher) que veio primeiro, mas posteriormente atraiu toda a família para a cidade, fazendo com que, efetivamente, o abandono do campo se concretizasse.

A segunda questão buscou saber se estas famílias que saíram da comunidade de Nossa Senhora Aparecida estão trabalhando na cidade e em qual ramo ou área. Neste sentido, obteve-se que 96% dos entrevistados afirmaram estar trabalhando e somente 4% deles tinham no estudo a sua atividade única. Dentre os que estão trabalhando, a maioria (58%) está no ramo da indústria; 29% no ramo de prestação de serviços; 11% no comércio da cidade; e outros 2% em outros ramos de atividade. Nenhum entrevistado é proprietário ou empreendedor em algum negócio próprio, nem ocupa cargo de gerência ou direção, conforme percebe-se na Tabela 8.

**TABELA 8:** Área de trabalho atual de homens e mulheres oriundos da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida

<i>Atividade realizada atualmente pelo responsável pela família</i>	Frequência (%)
Empregado do setor industrial	58%
Empregado do setor de serviços	29%
Empregado do setor de comércio	11%
Outros	2%

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2011).

Nota-se, em face às respostas obtidas, que grande parte dos jovens que saíram do meio rural, e que residem na cidade, trabalham nas indústrias na qual conseguiram emprego fixo e remunerado mensalmente, o que difere um pouco da vida no campo, onde geralmente a remuneração vem a cada final de safra, embora hoje esta realidade esteja bastante mudada no campo, pois com a atividade avícola e leiteira esta remuneração já pode ser mensal. Mas era essa a condição que os migrantes vieram buscar na cidade, o que lhe confere um status de satisfação, pois conseguem sobreviver e dizem-se felizes com seus ganhos.

Na questão de número 3 conduziu-se a entrevista para saber se as famílias residiam em casa própria ou não. De acordo com as respostas obtidas, 40% têm casa própria na cidade e o

restante disse não ter condições para efetuar a compra e que, portanto, ainda pagam aluguel, conforme Tabela 9.

**TABELA 9:** Questão de moradia das famílias oriundas da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida hoje

<i>Família que possuem casa própria</i>	Frequência (%)
Sim	40%
Não	60%

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2011).

Dentre os que possuem casa própria, para a maioria esta foi obtida por meio de financiamento; apenas 20% disseram que a compraram com verbas oriundas do trabalho no campo. A questão da casa própria pode ser um sinal de que a vinda para a cidade está dando resultados financeiros positivos. Porém, isso não é uma realidade para todos. Apurou-se que a maioria (60%) ainda não possui casa própria, vieram para a cidade (trazendo toda a família de uma vez só) sem ter um lugar próprio para morar; enfrentando na cidade os mesmos problemas que enfrentavam no campo, ou seja, sendo muitas vezes “explorados”, uma vez que precisavam trabalhar e quem não conseguia emprego nas indústrias acabava trabalhando como serventes de pedreiro.

Na sequência, abordou-se o fato de haver na família, principalmente entre os jovens, a vontade de seguir a atividade dos pais, em tempos passados, ou seja, a agricultura; buscando, do mesmo modo perceber se existe ou não entre os entrevistados a vontade de voltar para o campo ou algum arrependimento em estar na cidade. Neste viés, 58% dos entrevistados disseram não querer seguir a profissão dos pais, ou seja, serem agricultores, e os outros 42% disseram pensar na hipótese. O Entrevistado C, comenta: “meus pais eram colonos, eu não queria isso pra mim”. O Entrevistado D diz: “eles eram colonos, eu queria ser diferente, queria uma vida melhor”. Spanevello (2008, p. 17) corrobora com isto quando enfatiza que “o desinteresse do filho é revelado pela crescente saída da população rural jovem para exercer ocupações urbanas”.

Dentre os que não querem voltar à vida no campo, alguns comentam que não querem seguir a mesma profissão porque querem “algo melhor” para a própria vida e outros dizem querer algo diferente. Esta expressão “vida melhor” é jargão praticamente utilizado por todos

os entrevistados. Mas o que significa para cada um “vida melhor” é uma questão bastante subjetiva e particular. No entanto, eles chamam a atenção que a cidade nem sempre é o que o jovem ou o migrante de forma geral imagina ser. Muitas vezes quando este chega à cidade tem que comprar de tudo para se alimentar, enquanto que na lavoura se consegue plantar e colher o básico para se alimentar, portanto, nesta concepção nem sempre o abandono do campo seria a melhor saída, pois o “melhor” nem sempre é o que se pensa.

Já dos que responderam que gostariam de seguir a profissão dos pais, fariam isso somente se tivessem terra o suficiente para plantar e criar animais e se possível construir um aviário para criar frangos. O Entrevistado E diz pensar em seguir a profissão dos pais, porém, não foi possível: “pensei em seguir a profissão dos meus pais, mas não tinha terra o suficiente [...] devido à família ser numerosa e se fosse dividir a terra como herança para todos os filhos, ficaria inviável a sobrevivência no campo”. Hoje em dia, com a facilidade nos financiamentos através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), é muito mais fácil se conseguir renda e não é necessária uma grande quantidade de terras para se viver no interior, a não ser que os agricultores queiram viver somente com o plantio de grãos, pois com pouca área de terra é possível, sim, viver no campo, mas é necessário diversificar os produtos e as atividades. Neste sentido é que surgem as agroindústrias, o turismo rural, entre outras.

A questão de número 5 tem especial significado por fazer alusão ao objetivo principal desse estudo, e foi a questão em que mais as conversas se desenvolveram. O Entrevistado B, por exemplo, quando perguntado sobre os motivos que o fizeram migrar da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, fez o seguinte comentário: “a falta de infraestrutura (estradas, energia elétrica, saúde, educação [...]) fez com que a maioria das famílias da comunidade deixasse o campo e partisse para a cidade, sendo que a minha família foi um desses casos” (Entrevistado B).

A falta de infraestrutura foi referida por 20% entrevistados. Questionados sobre o que significa isso, as maiores frequências de respostas recaíram sobre as péssimas estradas, dificuldade de acesso a transporte, educação, a crédito, entre outros. Relataram também a distância quanto aos recursos de saúde e lazer. Os jovens disseram ter poucos espaços de socialização no meio rural e que, geralmente, são vistos como “atrasados” por alguns habitantes do meio urbano. Esta questão do lazer é abordada por Spanevello (2008, p. 90): “as motivações que levam os jovens a sair são variadas [...] os jovens migram para buscar mais divertimento, estar no movimento da cidade”.

Outro ponto indicado dentre os motivos que levaram à migração destes jovens da

comunidade de Nossa Senhora Aparecida para cidade de Marau/RS foi o tamanho da propriedade: 47% apontaram o tamanho da propriedade como principal causa da sua evasão. Estes entrevistados relataram que devido terem pouca área de terras para garantir o pagamento futuro ao banco, não conseguiam acesso ao crédito, e sem esses recursos ficava difícil, pois, as condições de vida se tornaram precárias. De acordo com os entrevistados, a falta de recursos financeiros aliada ao pequeno tamanho da propriedade incentivou os jovens a partirem do campo para a cidade.

A tecnificação da agricultura foi o motivo referido por 10 das 17 famílias entrevistadas. “Dinheiro para melhorar e ampliar as coisas nós não tinha, então viemos para a cidade” (Entrevistado C). De acordo com Palmeira (1989), a modernização da agricultura fez com que a estrutura da propriedade rural fosse alterada, gerando efeitos perversos, como o fato de contribuir com o êxodo rural. Evidencia-se, com as entrevistas, que esse efeito também teve reflexo na comunidade em estudo, onde em 10 anos 17 famílias abandonaram o meio rural e, segundo os entrevistados, um dos motivos foi o fato de que as propriedades de alguns moradores estavam se concentrando nas mãos de apenas um grande proprietário, e que este às vezes fazia pressão para comprar os pequenos pedaços de terra. Tal modernização excluiu e expropriou os pequenos agricultores que não conseguiram acompanhar tal modernização e acabaram vendendo suas terras, assim viraram mão de obra para trabalhar na terra dos grandes proprietários; sobravam pessoas e faltava emprego no campo, ocupado pelas máquinas, impondo a busca de uma “vida melhor” na cidade. Deixa claro esta ideia o exposto pelo Entrevistado A, quando coloca os motivos que o levaram a sair da comunidade e ir para a cidade:

Não tinha emprego, não tinha estudo, pouca terra, trabalhava por dia e ganhava pouco, não tinha saúde, meus pais eram doentes, não tínhamos recursos, eu queria melhorar de vida, então vim para a cidade para procurar trabalho, procurar por novas oportunidades, tive vontade de mudar de vida (Entrevistado A).

Outra motivação para a migração dos entrevistados, que merece destaque pela alta frequência de indicação, é a busca por emprego. A maioria dos entrevistados (60%) comentou que decidiram partir em função da falta de opções de trabalho, de crescimento pessoal e profissional; optaram por buscar melhores condições financeiras, procurando por um salário fixo e ascensão profissional. Esta constatação também é feita por Singer (1980 *apud* KLEIN, MASSUQUETTI e SPRICIGO, 2009, p. 6) quando diz que “os migrantes são atraídos para os grandes centros urbanos devido à oferta abundante de mão de obra, com perspectivas de

melhores oportunidades, maiores salários, não disponíveis em seu local de origem”.

Também se destaca nesta pesquisa o percentual de 58% de respostas de que partiram do meio rural para a cidade em busca de melhores condições de estudo, de acesso à escola e qualificação: ter um curso superior, ou até mesmo outra profissão, que não seja a de agricultor, torna-se um plano de vida, um sonho para o jovem rural. Se percebeu que dentre os entrevistados muitos vieram para estudar, mas acabaram tendo que trabalhar muito para garantir sua sobrevivência e até hoje não concluíram seus estudos no ensino médio.

A questão de número 6 conduziu a entrevista para a questão de descobrir-se se os entrevistados ainda têm algum familiar no meio rural, ou seja, na comunidade de Nossa Senhora de Aparecida. Obteve-se como resposta que apenas um pequeno número das famílias abordadas (6%) ainda tem familiares na referida localidade.

Por meio da questão de número 7 direcionou-se a entrevista para se descobrir se os entrevistados gostariam de voltar a morar no meio rural. Obteve-se como resposta que 71% deles não querem mais voltar a morar no campo, pois a vida na cidade é sentida como muito boa. Os outros 29% responderam que voltariam para o campo, porém, somente nas seguintes condições: com a aposentadoria ou com a compra de um sítio para morar; ou se tivessem melhores condições financeiras.

Para finalizar a entrevista e dar ouvido aos entrevistados enquanto sujeitos que participaram do processo do êxodo rural, sentindo suas causas e consequências reais, questionou-se sobre o significado da vida no campo. Por meio das respostas obtidas apurou-se que 76% dos entrevistados disseram que a vida no campo é boa somente para os grandes proprietários de terra, que têm boas condições econômicas para a atividade agrícola e agropecuária e podem fazer investimentos em tecnologia (máquinas e implementos agrícolas). Os outros 24 % disseram ter uma visão do meio rural como espaço de pobreza, falta de infraestrutura, de descaso com os pequenos agricultores. Alguns entrevistados desta parcela de 24% relataram terem sido explorados pelos grandes agricultores do local, onde trabalhavam como capatazes). Nestes casos, o que geralmente acontecia é que trabalhavam em troca de alguns hectares de terra para plantar. Ainda comentaram que os patrões davam aos empregados alguns dos piores pedaços de terra para o plantio, além de ser uma quantidade tão pequena que mal pagava o investimento para produzir. Parte da colheita era dada aos patrões em forma de pagamento. “Os grandes exploram os pequenos” (Entrevistado C). O Entrevistado F também confirma esta dinâmica:

Os pequenos não têm condições, mas para quem tem condições a roça é boa, para os pequenos agricultores, sem recursos, é ruim, pois nós tínhamos que dar a metade do que ganhávamos para os donos das terras que nós trabalhávamos, então quase não

sobrava nada para nós (Entrevistado F).

De acordo com o Entrevistado F, quando comenta que para quem tem condições a roça é boa, volta-se ao fato da modernização da agricultura ter provocado no meio rural a evasão de seus habitantes, onde somente quem conseguiu acompanhar a modernização é que permaneceu no campo, os demais tiveram que abandoná-lo devido a falta de recursos para acompanhar o “progresso”. Neste contexto Boeno (1995 *apud* LORENZINI, GODOY e HILLSSEIM, 2007, p. 6) comentam que

Tal mobilidade na busca de melhorias de rendimentos em outros centros rurais próximos, ou nos centros urbanos mais distantes, tem como causa profunda a concentração da propriedade agrária, sendo prova de que a posse e o uso da terra está escapando das mãos da maioria dos pequenos produtores e dos trabalhadores pobres.

O Entrevistado G comenta sobre a imagem, para ele, do meio rural hoje:

se você tem condições de plantar por conta própria e possui terra, é o melhor lugar para se viver, mas se depende de terceiros, a sobrevivência é impossível, pois a gente sempre fica por último, primeiro o dono da máquina vai plantar ou colher para si próprio e depois é que ele vai fazer o serviço para os outros, sendo que quem tem pouca terra é o que vai ficar por último da fila, seja na plantio ou na colheita (Entrevistado G).

A comunidade de Nossa Senhora Aparecida foi, no passado, uma comunidade grande, chegou a ter até 75 famílias, porém com a evasão destas para a cidade, principalmente para a cidade de Marau, é hoje uma das menores comunidades do município, com apenas 51 pessoas, distribuídas em 16 famílias. Esta evasão modificou consideravelmente a comunidade, uma vez que, ficaram poucas famílias espalhadas no meio rural, onde somente ficaram os proprietários com mais áreas de terras.

Além da modificação do meio rural, importa com a finalização desta análise inferir que os principais motivos que trouxeram os jovens (e suas famílias) do campo para a cidade foram a falta de infraestrutura, o pequeno tamanho da propriedade, a modernização da agricultura e as exigências de seus processos e a busca por emprego e melhores condições de estudo.

## 5 CONCLUSÕES

O meio rural sofreu e continua sofrendo profundas transformações, pois muitas famílias estão deixando o meio rural e migrando para as cidades em busca de melhores condições de vida como, por exemplo, infraestrutura (educação, saúde, oportunidades de emprego, lazer, entre outros). A própria modernização do campo age como expulsora das famílias do campo, empurrando-as para a vida na cidade. A modernização assim age no sentido de que não mais seja necessária a mão de obra como antes e também em função de as famílias não terem condições financeiras para modernizar o sistema produtivo ou a propriedade, garantindo a sobrevivência e a permanência de toda a família no campo. Também por falta de condições financeiras e a busca pelo emprego e estudo, a saída do jovem do meio rural é iminente. Há, dessa forma, transformação nas dinâmicas tanto no próprio meio rural quanto no urbano.

Por meio deste estudo, que teve o objetivo de identificar as principais causas que levaram os jovens da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, no município de Marau/RS a deixarem o meio rural, pode-se dizer que a evasão dos agricultores modificou o meio rural, causando o que se pode chamar de “esvaziamento” do campo. Constatou-se que as mulheres são as que vão embora em maior número; 58% da população que ainda permanece na comunidade em questão é masculina. Em 10 anos houve uma diminuição de 33 para 16 famílias, o que dá uma taxa de 48% de diminuição da população local.

Assim, as 17 famílias que deixaram o meio rural, foram os sujeitos desta pesquisa, sobre os quais se debruçou atenção especial, na busca pela escuta dos reais motivos que os trouxeram à cidade. Obteve-se, neste sentido, por meio das entrevistas realizadas, que os principais motivos que levaram estes jovens a sair da comunidade e irem em busca de novas oportunidades na cidade foram: falta de infraestrutura, o pequeno tamanho da propriedade, a modernização da agricultura, a busca por emprego e melhores condições de estudo.

Neste contexto, percebeu-se que os entrevistados que não tiveram condições financeiras e terra suficiente para prosseguir com o mesmo modo de vida de seus pais, garantindo seu sustento, sobrevivência e ascensão, passaram a acreditar que a cidade lhes daria oportunidades, como acesso ao trabalho remunerado mensalmente, proximidade com a escola, com a área da saúde, com o lazer. No entanto, verificou-se que, mesmo a maioria estando satisfeita com a mudança, muitos ainda não concluíram os estudos e ainda não têm casa própria. Mesmo com a mudança do meio rural para o urbano não há grandes diferenças



em relação às condições de vida financeiras, sociais e culturais destes jovens.

Por fim, percebe-se que os motivos pelos quais os jovens da comunidade de Nossa Senhora Aparecida foram para a cidade são basicamente os mesmos referidos pelos autores analisados em nível nacional. Neste sentido, permite-se inferir que por meio de métodos de gestão das propriedades rurais, eficientes e modernos, tais motivos devem ser combatidos, de modo a se minimizarem as taxas de êxodo rural e, ao mesmo tempo, que se dê melhores condições ao jovem no campo. Isso deve ocorrer por meio de políticas e incentivos à diversificação dos cultivos agrícolas e de atividades que mantenham o pequeno agricultor - e seus filhos - no meio rural, produzindo condições financeiras, físicas, sociais e culturais para a empregabilidade, educação, lazer e convivência feliz destes no meio rural.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. *et. al.* **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília, DF: UNESCO, 1998.
- ABRAMOVAY, R. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Texto Para Discussão. Rio de Janeiro, n°. 702, p.0-31, 2000. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0702.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0702.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2011.
- ALMEIDA, J. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, Jalcione; NAVARRO, Zander. **Reconstruindo a agricultura**: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. p. 33-55.
- ALMEIDA, J. (Org.). **A modernização da agricultura**. (Série Educação a Distância - coordenada pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD UFRGS). Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- ANDI. AGÊNCIA NACIONAL DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. **Jovens do meio rural**. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/missaojovem/mjjovensrural.htm>>. Acesso em: 13 mai. 2011.
- ASSAD, M. L. L.; ALMEIDA, J. **Agricultura e sustentabilidade**: contexto, desafios e cenários. 2004. Disponível em: <<http://www.freewebs.com/danielbertoli/aulas/ASSAD.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2011.
- BASSANI, P. **Trabalhadores rurais**: resistência e descoberta. Londrina: EDUEL, 2006.
- BERNARDI, F. **História de Marau**: uma comunidade laboriosa. Porto Alegre: Pallotti, 1992.
- BERTONCELLO, A.; ROSSI, A. M.; BADALOTTI, R. M. **Juventude rural, movimentos sociais e subjetividades**: compreendendo estas interfaces no processo de reprodução social da agricultura familiar. 2007. Disponível em: <<http://www.sociologia.ufsc.br/pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2011.
- BRASIL. Presidência Da República. Governo Fernando Henrique Cardoso. **Reforma agrária**: compromisso de todos. Brasília, 1997.
- BRUMER, A. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade**. 2007. Disponível em: <<http://www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/06/2-GT-Anita-Brumer2.doc>>. Acesso em: 12 fev. 2011.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. **Texto Para Discussão**, Rio de Janeiro, n. 621, 1999. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0702.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0702.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2011.

CARNEIRO, José Maria. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In.: SILVA, F.C. T.; SANTOS, R.; COSTA, L.F.C. (Orgs.) **Mundo rural e política**. Rio de Janeiro: Campus/Pronex, 1998.

CARNEIRO, M. J. Multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: uma abordagem comparativa. In.: MOREIRA, R. J.; COSTA, F. de C. (orgs.). **Mundo rural e cultura**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

DALCIM, I. **90 anos de fé e trabalho**: paróquia Cristo Rei de Marau – 1920 a 2010. Passo Fundo: Berthier, 2010.

DIEHL; A.; PAIM, D. C. T. **Metodologia e técnica de pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

EVANGELISTA, F. R.; CARVALHO, J. M. **Algumas considerações sobre o êxodo rural no nordeste**. 2001. Disponível em: <<http://www.banconordeste.gov.br/content/Aplicacao>>. Acesso em: 6 maio 2011.

GODOY, C. M. T. *et al.* **Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural: a realidade do município de Santa Rosa/RS**. 2010. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/714.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2011.

GONÇALVES, A.; CARVALHO, G. S. **Diferenças de estilos de vida entre populações jovens de meio rural (Boticas) e de meio urbano (Braga)**. 2007. p.1-15. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2011.

IBGE. **Dados censo 2000**: densidade demográfica. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>>. Acesso em: 12 mai. 2011.

\_\_\_\_\_. **Cidades**: Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>>. Acesso em: 12 mai. 2011.

KER, J. C. **Latossolos do Brasil**: uma revisão. 1997. Disponível em: <[http://www.igc.ufmg.br/geonomos/PDFs/5\\_1\\_17\\_40\\_Ker.pdf](http://www.igc.ufmg.br/geonomos/PDFs/5_1_17_40_Ker.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2011.

KLEIN, M. R.; MASSUQUETTI, A.; SPRICIGO, G.. Migrações internas e perspectivas para o rural: um estudo do município de Novo Hamburgo (RS). In.: SOBER - Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 48, 2009, Campo Grande. **Anais...**Campo Grande, 2009. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/751.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2011.

LOPES, A. P. **A comunidade de Nossa Senhora Aparecida**. [sem publicação]. Entrevista concedida a Adilor Eduardo Longo. 2011.

LORENZINI, J. L.; GODOY, W. I. ; HILLSSEIM, L. P. **Evasão dos jovens das casas familiares rurais de Santa Catarina**. 2007. Disponível em: <[www.arcafarsul.org.br/novo/images/publicacoes/1705.pdf](http://www.arcafarsul.org.br/novo/images/publicacoes/1705.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2011.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARAU. PREFEITURA MUNICIPAL DE MARAU. **Home-page**. Disponível em: <<http://www.pmmarau.com.br>>. Acesso em: 03 ago. 2011.

MARQUES, M. M. **O conceito de espaço rural em questão**. 2002. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/usorestrito/pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2011.

MIRANDA, Â. T. de. **Urbanização do Brasil: consequências e características das cidades**. 2010. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/geografia/ult1701u57.jhtm>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

MORAIS, E. P. ; RODRIGUES, R.A.P; GERHARDT, T.E. Os idosos mais velhos no meio rural: realidade de vida e saúde de uma população do interior gaúcho. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, p. 374-383, abr-jun. 2008.

NASCIMENTO, J. C. D. do. **Cidade e urbano: uma abordagem teórica e conceitual**. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/70995/1/CIDADE-E-URBANO-UMA-ABORDAGEM-TEORICA-E-CONCEITUAL-/pagina1.html>>. Acesso em: 6 ago. 2011.

OLINGER, G. **Êxodo rural**. Florianópolis- SC, ACARESC, 1991.

PALMEIRA, M. **Modernização, estado e questão agrária**. 1989. p.87-108. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a06.pdf>> . Acesso em: 05 ago. 2011.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, J. G. da. O novo rural brasileiro. **Nova Economia**, Belo horizonte, n. 7, p.43-81, maio 1997. Disponível em: <<http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

SPANVELLO, R. M. **Jovens rurais: identidade social e reprodução geracional**. 2008. Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/forum/discuss.php?d=44373>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

WANDERLEY, M. de N. B. **A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural**. 2004. Disponível em: <<http://biblioteca.planejamento.gov.br/pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

## **APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista**

- 1- Há quanto tempo residiam na cidade de Marau/RS? Quem partiu para a cidade em primeiro lugar, você ou a família toda?
- 2- Você trabalha? Se sim, em qual destes segmentos? Comércio? Prestação de serviços? Indústria?
- 3- Você possui casa própria?
- 4- Você nunca pensou em seguir a profissão dos seus pais?
- 5- Quais os motivos que o levaram a migrar da comunidade de Nossa Senhora Aparecida para cidade de Marau/RS?
- 6- Você ainda tem familiares no meio rural?
- 7- Você gostaria de voltar a morar no meio rural? Se sim em quais condições? Se não por quê?
- 8- Que imagem você tem hoje da vida no meio rural?

**APÊNDICE B - Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido**

**INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

**NOME:** \_\_\_\_\_

**RG/CPF:** \_\_\_\_\_

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “**MOTIVAÇÕES PARA A EVASÃO DE JOVENS RURAIS: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA, MARAU/RS**” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão do Curso de Planejamento e Gestão Para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo “descrever quais os principais motivos que levaram o jovem da comunidade de Nossa Senhora Aparecida a abandonar o meio rural”. A minha participação consiste na recepção do aluno “Adilor Eduardo Longo” para a realização de entrevista. Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno Adilor Eduardo Longo.

Para isso, (  ) **AUTORIZO** / (  ) **NÃO AUTORIZO** a minha identificação bem como divulgar as informações por mim e por minha família, repassadas para posterior publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

**Assinatura** \_\_\_\_\_

**Marau, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2011**